

LITERÁRIO



Parte integrante do Diário Oficial de Porto Alegre - Edição 2544 de 6 de junho de 2005



Ame os livros

Entrevista:

**Juremir Machado
da Silva**



Leia também:

Roa Bastos

Luis Paulo Faccioli

Fabício Carpinejar

Mapa da mina 2

LITERÁRIO

CRÔNICA

EDITORIAL

Amores são intermináveis. Sempre. Ainda que o poeta Vinícius de Moraes utilize o “enquanto dure”, dando um quê de temporal, eles são infinitos. Este recurso vale para paixões que daqui a pouco passam a ser amizade ou mesmo ódio. É possível que a relação com o livro seja de extremos, de amor e, se não de ódio, de distância. Quem busca um livro não procura apenas palavras, ou ler o que gostaria de ouvir. Quem sabe, de escrever. Busca e encontra novos universos, novas realidades. A partir destes encontros, o conhecimento torna-se um patrimônio pessoal e, logo a seguir, coletivo. Quem lê não esconde, não guarda segredo. Escancara o que sente, o que interpreta, e passa à fase de discussão. É este o momento vital que a leitura oferece: o de possibilitar a experiência vivida.

E isso é amor. Somente quem sente amor pode dividir o que sente. Não por acaso, Fabrício Carpinejar em sua crônica *Dois Amores* revela o quanto é possível fazer do livro não apenas um objeto de leitura, mas de amor.

O Suplemento Literário, nesta edição, encontra locais onde o leitor poderá passar bons momentos, naquele garimpo precioso que é achar o seu livro, ou, então, depois de percorrer os caminhos do *Mapa da mina*, pode ter em Juremir Machado da Silva a motivação necessária para passar adiante o seu conhecimento. Para o jornalista e escritor, a cultura é essencial, e é através, principalmente, do livro que vai desvendando seu universo. Não bastasse, tem Paulo Hecker Filho, e a turma do *Ame o Poema*. Poesias em vários estados, à flor da pele, das páginas. Um passeio interessante sobre os 14 poetas é um momento de magia e realismo puros.

Mas, não paramos. Há o conto de Luiz Paulo Faccioli, um dos melhores contistas do sul nos dias de hoje e, como sempre, sugestões de livros. Você tem razões de sobra para amar. Ame o poema, o conto, a novela, o romance. Leia, é ato de amor à humanidade.

DOIS AMORES AO MESMO TEMPO

Para Clarice

Uma biblioteca desarrumada não significa que é menor. Estantes com filas duplas não sinalizam desordem. Um livro que não se encontra não está perdido. Não achar alguma coisa é mexer em obras esquecidas e ler o que não se esperava. Não sou contra a catalogação. Nada disso. É que livros lidos são naturalmente livros fora de ordem. Escapam do crivo, deitam em dormitório alheio, se misturam com ansiedade. Duvido de uma biblioteca ordenada em excesso, impecável, limpa. Parece que a única leitora é a traça. A vida não deixa nada em seu lugar. Como ler sem contrariar o rumor alfabético? Como viver sem contradição? O mesmo posso pensar dos amores. Desejamos ao longo dos dias ter um casamento regulado, com todos os volumes cadastrados e que sirva mais como um móvel para decoração do

que uma escada de leitura. Amor, como uma biblioteca, não é posse, mas despertence. Quanto mais leio mais perco as certezas do começo. Quanto mais amo mais apresso o final. Um livro não dirá onde estamos, uma paixão não consola, ambos apontarão para onde podemos ir dentro do corpo. É possível viver dois amores ao mesmo tempo? Sim, é possível viver até três amores ao mesmo tempo, porém o esgotamento nervoso chega junto. Desde que um amor não seja a migalha do outro. Desde que o amor não seja a falta de solidão, e sim a solidão assumida. Desde que o amor não seja a segurança do egoísmo e sim a insegurança do diálogo. Desde que um amor não seja o complemento do outro. Pois amores não se completam, se bastam. Não adianta somar duas carências para gerar uma terceira. Dois amores são possíveis no início, para se desentenderem logo em seguida. O amor que é forte, luminoso, não permite concorrência. Amor é naufrágio, nem todos encontram madeira boiando para voltar a si. Dois amores são possíveis ao mesmo tempo porque um deles será o proibido. Porém, o proibido pode ser transar com a esposa, não a amante, e quem dançará sozinha depois é a amante. Difícil de compreender? Permanecer no casamento

ou na estabilidade, desde que se amem, é hoje a mais alta transgressão. Aventurar-se fora de seus domínios cheira a regra. Não existe roteiro pronto. Assim como o marido pode segurar a vela de seu enterro e as duas arranjam coisa melhor pela frente. O amor não está em uma instituição, mas na capacidade de suplantá-la.



Amor não se mede, se confunde. É impraticável comparar relacionamentos como ofertas de lojas. Um amor que não pode ser comparado é difícil de esquecer (ainda que a separação aconteça). Aquele que já permite comparação demonstra ser pouco consistente (ainda que os dois fiquem juntos). A gente ama para quê? Para não avaliar o amor. Não conseguir acompanhá-lo é quando vai bem. Quando se começa a ter consciência do certo ou

do errado é aviso prévio. Sintomático que os casais peçam conselhos aos amigos para fazer em seguida tudo diferente. Amor muda as regras de propósito, muda o telefone, muda o endereço. Quem não está jogando não entenderá. É feito somente para jogar, não ser assistido. O mistério é não entendê-lo a ponto de preveni-lo. Prevenir o amor é matar a capacidade de aprender com suas conseqüências.

* **Jornalista e poeta. Autor de *As Cinco Marias*, *As Solas do Sol*, entre outros.**



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
Diário Oficial de Porto Alegre

LITERÁRIO

Prefeito Municipal: José Fogaça
Secretária Municipal de Administração: Sônia Mauriza Vaz Pinto
Secretário Municipal da Cultura: Sergius Gonzaga
Gerente do Diário Oficial: João Ludes Nodari

Coordenador do Livro e Literatura: Arnaldo Campos
Editor: Fernando Rozano
Técnicas em cultura: Maria Tereza Zatti e Rosane Maria Fluck

Coordenação do Livro e Literatura – Centro Municipal de Cultura e Lazer Lupicínio Rodrigues – Av. Érico Veríssimo, 307 – Cep. 90160-181 – Telefone 32216886 – suplementoliterario@smc.prefpoa.com.br
Diagramação: Lauro Soares - Corag

LITERÁRIO

RESENHAS

Lolita: literatura erótica ou pornográfica

Duas vezes adaptado para o cinema, o romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov, um russo radicado nos Estados Unidos, além de ser um clássico da literatura universal, popularizou sua protagonista como símbolo da sexualidade precoce. São “lolitas” as meninas pré-adolescentes e adolescentes que, mesclando infantilidade e erotismo, atraem os adultos. Chama-se a mulher de “lolita”, quando se quer defini-la como um misto de juventude e sensualidade. É sinônimo de mulher-criança, como Romeu e Julieta é de amor contrariado ou até de amor impossível; como complexo de Édipo simboliza o apego exagerado de um homem à própria mãe. Dessa forma, a literatura e a psicologia se incorporam ao imaginário popular.



Este romance é um dos mais polêmicos pelo seu tema de incesto e pedofilia. Publicado em Paris, 1955, suscitou opiniões controversas. Só em 1958 foi lançado nos Estados Unidos, tornando-se um dos livros mais vendidos, porque o enredo escandaliza e atrai ao mesmo tempo.

Imagine-se, em plena década de cinquenta do século vinte, um caso de amor entre Humbert, um professor universitário já maduro, e sua enteada de doze anos. Para complicar, o protago-

nista só casou com a mãe de Lolita para poder ficar próximo. Esta paixão pela menina, levada ao extremo, traz duas trágicas conseqüências: a morte da mãe dela por atropelamento, enlouquecida quando descobre o verdadeiro caráter do marido e o assassinato do raptor de Lolita.

O livro é um relato das confissões dele na cadeia, preso pelo homicídio do tal homem misterioso que levou a menina. É Humbert quem conta a história, é a versão dele. Nabokov é generoso com seu personagem; apresenta-o como um homem apaixonado, não como um pedófilo. Sua Lolita é sedutora, esperta, nada inocente, apesar dos 12 anos de idade no início da narrativa. É ela quem o seduz, quem faz o jogo dos interesses e da chantagem, parecendo sempre tirar vantagem de tudo. Apesar do incesto e do absurdo da situação, Humbert é apresentado como um apaixonado, radicalizando a paixão sem limites, ou melhor, no limite da vida.

Nabokov nos oferece uma narrativa em que a complexidade e a irracionalidade da paixão se sobrepõem às concepções morais e aos julgamentos da sociedade. Afinal, a literatura não tem a obrigação de nos dar respostas, mas de inquietar, de questionar. Mais pela emoção que pela razão. Seria uma grosseira simplificação tratar esta obra como um caso de pedofilia. O comportamento humano é muito mais complexo, e a ficção tem de nos dar múltiplas opções de leitura, sem reducionismos. Considerar *Lolita* um romance pornográfico seria um rebaixamento, uma recusa em ir até o fim com os personagens e sentir com eles as paixões, tristezas e alegrias, sentir, enfim, o que é ser humano.

Lolita - de Vladimir Nabokov - RBS Publicações - 319 páginas - R\$12,90.
 Maria Tereza Zatti

Van Gogh As cores que tremiam

Paulo Bentancur, escritor de múltiplos talentos, transita entre os leitores adultos, infantis e juvenis. Na coleção *brincando de pensar*, o autor e a ilustradora Laura



Castilhos incorporam à narrativa informações sobre gênios em várias áreas: Shakespeare, Freud, Aristóteles, Van Gogh, etc. As personagens juvenis vivenciam situações culturais estimuladoras, acrescentando ao cotidiano conhecimentos assimiláveis na infância e na adolescência, desde que se quebrem as barreiras da cultura erudita.

Se analisarmos o volume *Van Gogh - As cores que tremiam*, temos uma família moderna, com pais separados e recasados e filhas em idades diferentes, de casamentos diferentes. Sofia, a filha pré-adolescente, vive num meio cultural privilegiado. Filha de pais separados, mora com a mãe e com um padrasto poliglota. Com o pai, professor, aprendeu a gostar de Van Gogh, de pintar os próprios quadros, sintetizando

imitação e criatividade. Luísa, filha do segundo casamento do professor, com apenas dois anos de idade, já aponta com admiração uma reprodução de Van Gogh, **Os primeiros passos**, evidenciando que a arte nos toca pela sensibilidade e não exige, necessariamente, um grau de informação elevado, pelo menos, para ser apreciada.

Bentancur “brinca” de contar e de informar, narra uma história leve, moderna, populariza Van Gogh, como, nos outros volumes da coleção, populariza Freud, Shakespeare, Aristóteles e outros pensadores e artistas célebres. Laura Castilhos ilustra a coleção com desenhos em preto e branco para incentivar o imaginário dos leitores. No final de cada volume da coleção, há uma pequena biografia do autor, da ilustradora e do pensador ou artista homenageado.

Van Gogh em preto e branco. Talvez esta seja a novidade do livro. O escritor narra colorido, e o desenho não revela as cores. Esta combinação nos faz viajar no amarelo, no azul quase negro, nas “cores violentas”; recriamos um Van Gogh nosso, guiados pela palavra e pelo traço de dois artistas que se completam: Laura e Paulo.

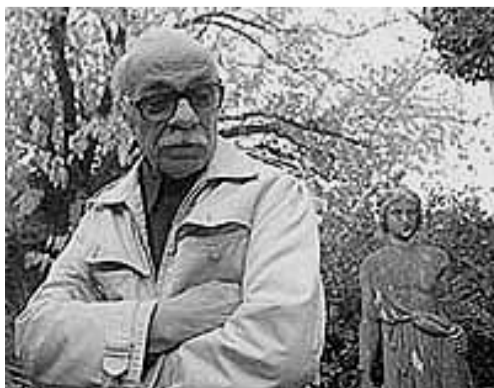
Van Gogh - As cores que tremiam – Paulo Bentancur e Laura Castilhos
Coleção brincando de pensar – Artes e Ofícios- 54 páginas.
Onde encontrar? Na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães – Setor de Periódicos

Maria Tereza Zatti

Sobre heróis e tumbas: a Argentina da década de 50

Se estranheza define a literatura, *Sobre heróis e tumbas* é uma obra-prima. Estranha, estranhíssima. Ernesto Sábato mistura história fantástica, cenário político-histórico e enredo de amor. O que é, nesta obra, metáfora, alegoria, realidade? O personagem Fernando é um paranóico ou é perseguido por uma seita de cegos?

Martín ama Alejandra e tem com ela uma relação obscura, reforçada pelo sombrio mistério familiar que a cerca. Por que, exatamente, Alejandra mata o pai e se queima viva? O fogo purifica, mas de onde vem tanta carga de culpa? O autor se baseou num fato verídico, o que torna tudo mais instigante. A criação em torno desse núcleo narrativo extrapola qualquer análise. Só a parte da alucinação (ou será realidade?) de Fernando é um universo imaginativo quase inacreditável.



Estamos em Buenos Aires na década de 50. Martín ama Alejandra, mas outras histórias são contadas, outros fo-

cos narrativos se entrelaçam, se revezam: o narrador em terceira pessoa; Fernando e Bruno, cada um contando suas histórias que são tecidas pelo meio ambiente comum, pelos personagens com os quais os narradores se relacionam. A política se mistura com a criminalidade, as mulheres são meio bruxas, a História aparece como pano de fundo.

O romance é psicológico, histórico, político, surrealista, realista. Sábato é magistral em reunir os mais diferentes discursos sintetizados numa mesma obra. Talvez pela formação eclética: físico, escritor e pintor. Também, talvez, pelo seu engajamento político.

Todos esses elementos formam uma complexidade, que abrange várias dimensões, traduzida numa mesma obra literária rica, profunda, para ser lida e relida.

Sobre heróis e tumbas - Ernesto Sábato – Círculo do Livro- s/data Tradução: Janer Cristaldo—São Paulo-450 páginas

Onde encontrar? Na Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães. Centro Municipal de Cultura – Av. Érico Veríssimo, 307.

Maria Tereza Zatti

LITERÁRIO

CRÍTICA

Ame o Poema

Paulo Hecker Filho*

Ricardo Silvestrin e Alexandre Brito acabam de criar a Ame o Poema Editora com o lançamento dos livros de quatorze poetas, quase todos da própria geração. Livros bonitos, com a cara de cada autor na primeira capa e as costas na última. Um acontecimento. Não pude fazer por menos do que ler os quatorze e dizer a eles. Ai vão alguns deles nesta edição.

Relendo “Trechos”, de Celso Gutfreind, persiste a noção que tive do original, de mostram mais a inteligência de observar que a da emoção poética. Mas o livro não deixa de ser um êxito, por manter um lúcido nível expressivo. Com momentos que captam o leitor: “Boca desdentada / como um conteúdo / que alguém arrancou.” Em “João Tirésias”, o título não é feliz mas a idéia sim. Sugiro mudanças: “João o que vê / à Joceli cega / conta o verde / e olhando-a / enfim vê / realmente o verde.” Por aí. Já na página 69, Estende com S, e faltam pontos em pelo menos três finais, já que o texto vinha pontuado. Voltando aos que captam: “A dança é / o corpo em si.” Já “Pequena fábula” tem conseqüências e “Quase oração” seria mais ouvida com umas enxugadas. As orélias do livro, creio que do Silvestrin, estão muito bem, e a edição uniforme dos quatorze funcionou, bonita e com força de coleção.

Eu velho e tu bonito, Alexandre Brito! Mas teu dia vai chegar, embora, pelo jeito, só daqui a meio século. Gostei de muita coisa de “O fundo do ar e outros poemas”. Recapitulo uma a uma: “sim, pretendi ser mais do que sou // desejei / a estatura da araucária / a sombra da figueira / os braços verdes do guapuruvu // mas que fazer? // tenho folhas de papel / na ponta dos dedos / e meu fruto / são letras”. “mas poema não se escreve / transborda / como um sonho / uma idéia / uma vontade / luz de estrela”. “o Deus da palavra / leva o poeta carinhosamente pela mão / até a beira do abismo”. “vem de viés esse ninguém / dentro de mim. / – de acordo? / mas não firmo contrato. / mal acordei e já estou sonhando / acordado.” “Um poema / existe além e muito antes / do poeta”. “faço versos de bobo / e não há acerto / que me faça / não errar de novo”. “nunca mais digo nunca / nunca é muito tempo / e sempre também / vou dar um tempo”. “alguém perdeu a cabeça / eu? / eu quem?”. “o tempo me esculpe na face / o rosto de um homem / que se parece comigo”. “com uma única sílaba / no máximo duas / Luciana diz o mundo”. “tartaruga / cem anos / em cada ruga”. “sinto em silêncio / sentir é lento”. “estrela extinta / a anos-luz / ainda vista”. Desculpe alguma revisão, é o hábito. Mas não é pouco o que gostei. Um abraço de quem sente no outro a amizade.

Alice Ruiz não se mostra inspirada neste “Yuuka”. O haikai engana, nos dois sentidos, parece que saiu e não saiu, não saiu e revisando talvez sim. A reter: “galho seco / florido de pássaros / primavera no Guaíba”. “lua cheia / o carangueijo espia / lanterna do pescador”. A pobre lua não tem nada a ver, mas é fato que o carangueijo se admira com

a luz da lanterna...

A filha, Estrela Ruiz Leminski, tem arranque, mas raro entra na marcha da poesia, é mais audácia adolescente, mais sexo. A recordar: a prosinha da introdução; “chuá chuá / coach coach / tchibum (tradução de Bashô); “Mas sobretudo / amo cada sono // porque me fez esquecer / de tudo”; “60 minutos por hora / essa é a velocidade / que a sua vida acaba” (sic); “Quem tem preguiça / não consegue ficar / de bem com a vida // A vida dá trabalho”; “Esta cidade não me cabe / e nem sabe que sair sempre / não me serve / Ou eu sou / ou que algo me leve”. Termina já baixando a nota: “Se as formigas / subirem minha sala / indicando a saída / que me sobre a saudade”; e na desorganizada prosa final se excetua: “amar é belo, um elo entre o azul e o amarelo”.

Em “Mais que imperfeito”, Fred Maia solta o verbo, acerte ou erre. O tom de letra de canção intercepta-lhe o lirismo, mas alguma vez esse é despertado pela canção. O poema pede mais que letra cantável, mas ele não lar-



ga a caixinha de fósforos. Nos muitos haicais, não acerta. É bem melhor, é ele enfim, nas letras que fecham o volume, especialmente a musicada por Alexandre Brito: “se existe em você a face oculta / sou a metade que te espera / eu sou você.” Ainda a reter do volume, a epígrafe de Valéry: “Tudo o que é, se não fosse, seria imensamente improvável.” E ainda: “língua na greta / gruta que urra / minha boca na/tua buceta”. Um haikai citável, enfim, entre tantos: “o pássaro voa do galho / a árvore vai junto / num ato falho”

Em “De Passagens”, Ricardo Portugal vem de volta: não faz o poema, recorda-o. Com sensibilidade culta, própria. Mas a rara ambição de sentido, se fratura e não alcança bem o leitor. A não ser no “HINO PUBLICITÁRIO AO SOL // O sol o sol / realmente o sol / o sol e um solo: / blusa rosa / luxo feito luz // o sol o sol / realmente o rei / do céu leão alado / luminar / lugar girassol // ele não tem preço / desfaz as cismas / encima a cidade / põe tarde por tudo / porque sim porque sol // ele faz tudo isso / vem por cima e brilha / brilha pilha do dia / diem carpe / carro de apolo / sol o sol”. Logo citáveis

apenas versos, vários: “eu, lírico de novo / e putamente satisfeito / de ser livre vivo / e cheio de novas aliterações”. “olho o grande rio / com respeitoso silêncio / de floresta”, mas era de outro; “guardo comigo o dito / de livro antigo”... “O melhor de mim é o que eu sou / para ela”. “Maria era uma moça / hoje o é” “...você sabe / sempre pode chover para o fim do dia”. “eu quero eu quis eu fiz à mon avis / a vida filho é assim por um triz / nesse apartamento qualquer porque eu quis / no fundo poço qualquer du fond d’un naufrage”.

Silvestrin Roberto em “Canção das coisas inanimadas” faz observações avulsas em prosa ritmada. O que observa? O tempo, o ato de escrever, uma árvore, um passarinho, a moça à frente. “O poeta é um profeta / Esta frase me veio meio de chofre / de supetão”, e não? para concluir: “O poeta é um profeta / A poesia profecia / Mas não saí dessa / Tinha razão a minha tia / em sua proverbial sabedoria / quando dizia: tudo isso / é coisa de cabeça”. Andou-se pouco, hem? Mas duas vezes Roberto chega perto. “Camile, bela, sorri como se não fosse / como se fosse pedir desculpas / por estar despenteada” e “o Grande Plano da Criação... eia vá filosofia / ela letra fria / ela razão mais sem razão / diz aí, estrela guia / fala aí, ô da profecia / desembucha, escuridão”. Essa inesperada escuridão é a melhor rima ou verso do volume.

“Sem aparente significado especial”, de Franck Jorge, de fato pouco se articula. O autor é um feliz, um vivo, um gozador; vive para dar a de sabido, não se revive como um poeta. Boa parte dos títulos já vêm em prosa, são tópicos, e os versificados mantêm a marca. Há saídas vivazes, graciosas. “Fico aguardando a próxima atitude / Qualquer coisa pode acontecer / como é intrigante viver.” Melhor ainda: “trabalho é assunto sério / nem por isso se esforce tanto / pode pegar mal e gerar um tremendo desconforto / aos verdadeiros desocupados / fundações públicas em geral agradecem”.

Marcelo Pires em “Anotações a partir do meu astrolábio” faz realmente sete dessas anotações inócuas, como ele sabe; se tem menos o que dizer, não deixa de ser inteligente. Fala mais sobre o amor de uma Leticia e às vezes arranha o poético. E tinha começado o livro com dois quartetos peritos: “Parte da noite, uma tarde. / Notas à noite, um aparte. / Trota na morte, uma noite. / Tarde da noite, quem bate? // Bate o instante no relógio. / Bate o eterno no teclado. / No coração bate o medo. / Tarde da noite, tão cedo.” Os tercetos desse soneto já não são tão craques e, página após página, procura-se o craque em vão: Não de todo. “Varanda: que palavra confortável.” E, depois de calcular que poetas já fizeram “90.000 mil odes ao pôr-do-sol” no Guaíba, conclui: “E o pôr-do-sol, um incêndio embriagado. (90.001).” Incêndio embriagado não é muito exato, mas noventa mil e um é matemático.

*Crítico e Poeta

LITERÁRIO

ENTREVISTA

JUREMIR MACHADO DA SILVA

*Jornalista, professor universitário, ficcionista, sociólogo, tradutor e ensaísta. Assim é Juremir Machado da Silva, um escritor marcado pela ironia e, sobretudo, pela crítica que apresenta em seus textos. Há quem declare sua admiração pelo autor de *Getúlio, Adiós, Baby, Ela nem me disse adeus, A prisioneira do castelinho do Auto da Bronze, Viagem ao extremo sul da solidão, Nau frágil, entre outros. Outros, porém, nem podem ouvir falar dele. O efeito provocador de seus textos não deixa espaços para meios termos. Ou se ama, ou se odeia. Juremir, por ele mesmo, define-se como um amante dos livros, mas tampouco sabe explicar de onde surge tal afeição. Gostar daquilo que os sentidos lhe dizem parecer bom é o que ele afirma, mas o porquê dessa vivência cultural se resume em uma palavra: paixão.**

“Na minha vida, a cultura é tudo”

Quando surgiu o teu interesse pelos livros?

Meu interesse começou muito cedo, com um professor meu em Palomas, na campanha, em Santana do Livramento. Era o meu primeiro professor, ele contava histórias em sala de aula e me deu um livro chamado *Lendas do Sul*.



Assim que eu me alfabetizei, ele me deu esse livro e isso me chamou muito a atenção, eu adorei aquilo. Na seqüência, eu me interessei muito por ler gibis, revistinhas que a gente comprava no trem de passageiros. Mais tarde meu pai cuidou de uma chácara, onde o dono deixou uma pequena biblioteca. Então essa biblioteca também influenciou muito no meu gosto pela leitura. Eu sempre gostei de histórias desde pequeno. Quando eu era criança, os tropeiros se reuniam em nossa casa, em torno do fogo, e contavam histórias. Com seis, sete anos na escola, vi que os causos podiam vir reunidos em várias formas. O professor levava um disco de vinil com histórias, e a gente ouvia as histórias serem contadas, e depois vi que elas também vinham em livros, como nas *Lendas do Sul*. E isso me despertou para a leitura, para o que fosse escrito e fosse uma história contada.

E quando decidiste te tornar jornalista?

Eu quis ser jornalista, pela primeira vez, com oito anos, em 1970, na Copa do Mundo. Eu nem conhecia a palavra jornalista. Eu só queria fazer a coisa que aquelas pessoas, o pessoal das rádios, faziam: contar e narrar a Copa, como o Lauro Quadros, Flávio Alcaraz Gomes, Ruy Carlos Osterman. Os relatos que eles faziam lá, toda aquela coisa, extremamente excitante, me fizeram pensar “quando eu crescer eu quero fazer aquilo”.

Tu te descobriste escritor em que momento?

Com 13 anos, eu escrevi uma peça teatral chamada *Os Rebeldes* que falava de um menino e seus conflitos, típica construção de um adolescente. Depois, escrevi meu primeiro livro chamado *O Vale da Morte*. Aos 17 anos, eu reescrevi a peça e continuei escrevendo poesias e livros. Também escrevia alguns contos para participar de concursos, apesar de não ter ganhado nenhum.

As tuas publicações são sempre marcadas pela crítica. O que tu pretendes com ela?

Eu não pretendo nada com a crítica. Eu apenas digo as coisas da minha maneira. Eu desejo, sim, que os leitores se interessem, mas eu não tenho a ilusão de mudar as pessoas. O público em geral costuma acreditar que a crítica é uma coisa ruim e que quem faz a crítica é uma pessoa que está sempre de mal com o mundo. Mas eu acho que a crítica pode ser muito boa. Não há incompatibilidade entre uma pessoa que está feliz com o mundo fazer crítica.

De que forma tu defines o papel do escritor hoje?

O escritor é uma espécie de sensor na sociedade. Ele capta aquilo que as pessoas estão querendo, a ponto de ouvir co-

mentários do tipo “isso era exatamente o que eu estava pensando”. Mas por outro lado, ele não deve se contentar apenas com o que a sociedade pede, mas sim procurar ir além. Aí se estabelece o grande paradoxo daquele que escreve: sentir os grandes temas que a sociedade pede, porém sempre buscar algo mais.

Como tu percebes a importância da cultura na sociedade?

Eu acho que a cultura é fundamental. Na minha vida, por exemplo, a cultura é tudo. Porém, neste momento, a gente vive uma sociedade midiática, em que a cultura tem menos peso em detrimento das celebridades. Os meios de comunicação de massa, como a televisão, se sobressaem aos meios culturais por serem mais fáceis e exigirem menos esforço intelectual das pessoas.

Quais os benefícios tu destacas que os livros trazem para o indivíduo e a sociedade?

Primeiro, o prazer de interagir com a leitura, de curtir o que está sendo lido. Também a reflexão e o pensamento que se faz em torno dos livros. Além disso, a leitura ajuda o indivíduo a conhecer-se melhor e, inclusive, a construir uma sociedade melhor, a partir dos conhecimentos que o leitor adquire.

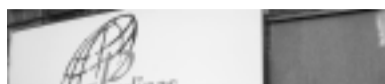
Kelly Matos Lucrécio,
estudante de Jornalismo da PUCRS



LITERÁRIO

O Mapa da Mina

PAULINAS LIVRARIA:



Há 58 anos, o centro comercial de Porto Alegre recebia em suas ruas a primeira Paulinas Livraria do Brasil. Especializada em publicações católicas, a livraria trazia

como preocupação ser um centro católico de difusão, servindo ao povo gaúcho com qualidade e eficiência em seus serviços. Hoje, ela dispõe de inúmeros produtos que guiam estudos, reflexões e promovem, inclusive, o entretenimento. Além de comercializar livros, CDs e vídeos, a Paulinas organiza atividades culturais e pastorais e dispõe de um auditório para reflexão e encontro de grupos, que devem ser devidamente agendados.

Local: Rua dos Andradas, 1212 - Centro - 90020-008 **Telefone:** (51) 3221 0422
www.paulinas.org.br

MARTINS LIVREIRO

Apenas 20 metros quadrados foram necessários para que Manoel dos Santos Martins fundasse a Martins Livreiro, em 1956, na esquina da Praça da Matriz. Anos depois, a livraria também se firmava como uma grande editora gaúcha: o sucesso da obra "Voluntários do Martírio" inaugurou a Martins Livreiro Editora Ltda, no ano de 1977. Atualmente, o grupo Martins Livreiro conta com cerca de 320 mil exemplares, com mais de 500 títulos de obras exclusiva-

mente sobre a cultura e história do nosso Estado, incluindo informações sobre a tradição rio-grandense. O acervo da editora encontra-se disponível na internet, através do site

www.paginadogaicho.com.br/martins. Já a livraria, que também está na rede, pode ser encontrada no site www.martinslivreiro.com.br.

Local: Rua Riachuelo 1279
Telefone: 3228.7552

LIVRARIAS PORTO

O grande objetivo do grupo de Livrarias Curitiba era fazer da cultura um instrumento que ajudasse na construção de uma sociedade melhor. Assim, em 1963 surge a primeira

loja da rede, que só chegaria a capital gaúcha em 2002. A loja de Porto Alegre, que está localizada no Shopping Iguatemi, destaca-se por ser uma megastore, pois dispõe de um ambiente com papelaria, música, softwares e uma extensa variedade de livros. Além do comércio, a Livraria Porto promove eventos culturais e de incentivo à leitura com o propósito de levar adiante sua preocupa-

ção cultural. O grupo garante que todos aqueles que forem visitá-los serão muito bem-vindos. É só chegar ao Shopping Iguatemi.

Local: Shopping Center Iguatemi - Loja 210
Telefone: (51) 3328.5161

LIVRARIA CULTURA

Tudo começou com uma pequena estante, no ano de 1948, sob o comando de Eva Herz. Sua grande aspiração era fazer um estabelecimento que fosse uma

grande livraria, com qualidade, variedade e bom atendimento. Assim surgiu a Cultura, um espaço que dispõe de livros de todas as áreas. Sua principal marca é oferecer um atendimento diferenciado: os livreiros aconselharão e auxiliarão você na hora da compra. E mesmo que comprar um livro não seja o seu desejo, a Cultura abre suas portas para você atualizar-se, divertir-se e debater idéias. A loja, localizada no Shopping Bourbon Country, costuma oferecer palestras, debates e cafés filosóficos para o público em geral.

Local: Av. Túlio de Rose, 80 lj.302 - Chácara das Pedras
Telefone: 3028.4033

LIVRARIA SICILIANO

Nascida em São Paulo, em 1928, a Livraria Siciliano começou sua história distribuindo apenas revistas e jornais. Hoje, 77 anos depois, ela se firma como uma das maiores redes distribuidoras de livros do país. Em Porto Alegre, suas lojas

estão espalhadas em diferentes locais da cidade: os Shoppings Praia de Belas, Moinhos, Iguatemi e a Rua dos Andradas. A Siciliano também desenvolve atividades como editora, publicando desde livros infantis até livros de negócios, passando por histórias de ficção e não-ficção. O CD musical é mais um segmento da livraria, que possui, inclusive uma loja virtual – www.siciliano.com.br.

Locais:

- **MOINHOS SHOPPING**
Rua Olavo Barreto, 52 **Telefone:** 3222-7595
- **ANDRADAS**
Rua dos Andradas, 1273 **Telefone:** 3224-7292
- **SHOPPING IGUATEMI**
Av. João Wallig, 1800 **Telefone:** 3328-6166
- **SHOPPING PRAIA DE BELAS**
Av. Praia de Belas, 1181 **Telefone:** 3231-4649

BECO DOS LIVROS

No princípio era uma loja comprida e estreita. O ano, 1992 e o endereço, a rua General Vitorino. Tal estabelecimento tratava-se da primeira loja da livraria e sebo Beco dos Livros que iniciava seu trabalho em Porto Alegre. Hoje, alguns anos depois e com quatro sedes novas (a primeira não existe mais), o Beco

dos Livros comporta um vasto acervo de livros antigos, raros e dificilmente encontrados nas editoras. Além dessa particularidade, a livraria dispõe de livros novos e tra-

balha, também, sob encomendas. O público do Beco dos Livros é bem diversificado: a livraria procura atender a todos os gostos. Inclusive se você não dispuser de muito dinheiro, eles encontram a solução: a loja da Riachuelo, 1320 possui um andar inteiro com milhares de livros que custam R\$ 1. Para eles, só não lê quem não quer.

Locais:

- Rua Riachuelo, 1496 **Telefone:** 3227.3797
- Rua Riachuelo, 1263 **Telefone:** 3228.3402
- Rua Gen. Câmara, 409 **Telefone:** 3224.2977
- Rua Riachuelo, 1320 - **Telefone:** 3228.3805
- Rua Riachuelo, 1316 - **Telefone:** 3286.4856
- Rua dos Andradas, 697 - **Telefone:** 3212.3008

EX LIBRIS

Livros velhos, quase novos, intocados e, até mesmo, autografados. Assim são as peças da Ex Libris, uma livraria especializada em livros usados que fica no bairro Bonfim. Por trás desta idéia, está

a proprietária Carmen Menezes, uma livreira e colecionadora de obras. Sua livraria destaca-se por ser um lugar em que você não encontra somente um livro que precise ler, mas também aquele que um dia, talvez, tenha marcado a sua vida. Outra curiosidade da loja é que ela desenvolve um projeto de sebo online desde 2000, chamado Traça. Traça esta, personagem de Luís Fernando Veríssimo, e que representa a qualidade e simpatia do atendimento da Libris. Vale a pena visitá-la na Osvaldo Aranha ou em www.atraca.com.br!

Local: Av. Osvaldo Aranha, 966
Telefone: 3311.0044

ARTMED

Especialidade é com ela mesma. A Artmed Editora nasceu no ano de 1973, em Porto Alegre, e trabalha, exclusivamente, com publicações da área da saúde. Sediada na rua Jerônimo de

Ornelas, a loja possui exemplares de medicina, educação, saúde mental, entre tantos outros. Prova da sua competência, é que a ela se tornou a Editora Oficial da Associação Brasileira de Psiquiatria. E se você quiser fazer um pedido de livro especial, a Artmed encaminha sua solicitação e posteriormente entrega a obra ao leitor. A loja dispõe, hoje, de cerca de 1000 exemplares especializados e funciona também aos sábados, durante toda a manhã à disposição do público.

Local: Av. Jerônimo de Ornelas, 670
Telefone: 3330.3444